

## MINHA COR, MINHAS MARCAS: FICÇÃO E HISTÓRIA NA OBRA *ÚRSULA*, DE MARIA FIRMINA DOS REIS

Cacio José Ferreira<sup>1</sup>

Tatiane da Conceição Marques Silva<sup>2</sup>

**RESUMO:** A presente pesquisa é uma análise da construção do negro na obra *Úrsula*, escrita no ano de 1859, da autora maranhense Maria Firmina dos Reis. Essa investigação propicia uma reflexão sobre a importância que Firmina deu aos cativos ao possibilitar a voz desses diante da sociedade patriarcal oitocentista bem como apresentar àquela sociedade a sua inovadora literatura antiescravista. A pesquisa realizada para este trabalho foi de natureza bibliográfica ancorada em autores como: Burke (1992) Carvalho (2018), Broskshaw (1983), Pinheiro (2016), entre outros. A partir da escrita de Maria Firmina pode-se concluir o destaque na representação dos cativos em seu romance, abandonando os aspectos negativos que era visto o negro e evidenciando os sentimentos, valores, religião e história dos africanos, além de seus personagens negros transgredirem as normas patriarcais da época. Ela dá oportunidade para o negro ser porta voz de sua própria história, podendo expressar sua opinião com relação à escravidão, o quanto almejava a liberdade. O romance *Úrsula*, pode ser considerado uma rica fonte histórica, ao apresentar a visão do escravizado como agente histórico. Através da voz da escritora, por meio do romance *Úrsula*, podemos conhecer as injustiças e preconceitos que cercavam a sociedade patriarcalista do século XIX a qual ditava as regras naquela época. Maria Firmina por meio de sua obra tornou-se a pioneira na literatura por ser a primeira escritora a tratar do tema escravidão, por tornar um personagem negro herói de um romance e pôr em pé de igualdade brancos e escravos. Na escrita de Firmina, o discurso histórico- literário sobre a escravidão estão ligados nos moldes da escola romântica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Maria Firmina; Negro; *Úrsula*; Antiescravista; Representação;

**ABSTRACT:** This research is an analysis of the construction of the black man in the novel *Úrsula*, written in 1859, in the Maranhão by Maria Firmina dos Reis. This research provides a reflection on the importance that Firmina gave to the captives by enabling their voice in the 19th century patriarchal society as well as presenting to that society her innovative anti-slavery literature. The research conducted for this work was bibliographical in nature anchored in authors such as Burke (1992), Carvalho (2018), Broskshaw (1983), Pinheiro (2016), among others. From the writing of Maria Firmina one can conclude the emphasis on the representation of captives in her novel, abandoning the negative aspects that the black was seen and evidencing the feelings, values, religion and history of Africans, besides her black characters transgress the patriarchal norms of the time. It gives the blacks the opportunity to be the voice of their own history, being able to express their opinion regarding slavery and how much they longed for freedom. The novel *Ursula* can be considered a rich historical source by presenting the vision of the enslaved as a historical agent. Through the writer's voice, by means of the *Úrsula* novel, we can get to know the injustices and prejudice that surrounded the patriarchalist society of the 19th century, which dictated the rules at that time. Through her work, Maria Firmina became a pioneer in literature by being the first writer to deal with the slavery issue, by making a black character the hero of a novel, and by putting whites and slaves on an equal footing. In Firmina's writing, the historical-literary discourse on slavery are bound in the molds of the romantic school.

**Keyword:** Keywords: Maria Firmina; Black; *Ursula*; Antislavery; Representation.

---

<sup>1</sup> Doutor em Literatura, escritor e professor da Universidade Federal do Amazonas. E-mail: caciosan@ufam.edu.br

## INTRODUÇÃO

A escravidão perdurou no Brasil por mais de 400 anos, mas lamentavelmente 133 anos depois os negros ainda carregam marcas doloridas de um tempo que eram vistos como mercadoria humana. Os negros trazidos à força para cá, por muito tempo, tiveram seus sofrimentos e apelos calados, ninguém os ouvia, eram esquecidos e viviam à margem da sociedade, desprovidos de todos os direitos que um cidadão atualmente pode usufruir.

No entanto, em 1888, após diversos acordos, pôs-se fim à escravidão no Brasil. Na época, a literatura dessa fase, que compreendia ao período romântico, servia principalmente para entreter e contar histórias de amor impossíveis ou de enaltecer a figura idílica como identidade nacional, mas uma nova característica foi inserida através da obra *Úrsula*, da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis, uma voz que usou a literatura não só como um instrumento de entretenimento, mas, acima de tudo, como uma denúncia do sofrimento daqueles que eram marginalizados e esquecidos pela sociedade, os negros.

De acordo com Santos e Carvalho (2018, p.30):

A literatura tem se valido da história para realizar seu intrincado universo da ficção. Com base nesse fato, podemos traçar uma relação entre literatura e história, uma vez que toda obra literária é histórica no sentido de estar associado a um cenário fático espaço/temporal, e o escritor estabelece uma ligação particular do texto com a realidade, assim se tornando, consciente e/ou inconscientemente, ferramenta de denúncia das mazelas sociais.

Logo, essa relação entre literatura e história pode ser observada na obra *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, pois ela fez de seu livro um instrumento de denúncia e crítica social. Seu romance faz referência direta à escravidão no Brasil e tem o objetivo de gritar e expor as injustiças há séculos enraizadas na sociedade patriarcal brasileira.

A referida obra foi publicada pela primeira vez em 1859, em São Luís, capital da província do Maranhão. Vale ressaltar que a autora era mulher, negra e pobre, fatores que contribuíram para que suas publicações não fossem conhecidas, e tudo em virtude da sociedade patriarcal daquele período, situação comprovada pelo fato de a autora não assumir seu nome em suas produções, apenas se identificando com o pseudônimo “Uma Maranhense”.

Devido à grande importância da obra abolicionista *Úrsula*, busca-se através dessa pesquisa analisar a construção do negro na obra de Maria Firmina dos Reis, mostrando os aspectos daqueles que eram silenciados naquela época e como, de forma estratégica, a autora, por meio de sua escrita, faz um lugar de fala para o negro e tenta desconstruir preconceitos e

estereótipos negativos sobre o negro escravizado, enraizado na sociedade patriarcal do período oitocentista.

Ao longo do tempo a obra *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis foi esquecida, mesmo possuindo um valor inestimável para a história e a literatura. Deste modo, examinar a obra *Úrsula* é procurar recuperar os diferentes olhares sobre a questão da escravidão e do negro no Brasil, visto que o romance é uma rica fonte histórica para a compreensão de nosso passado histórico, e também uma fonte literária primordial para reconstrução de uma nova história mais comprometida do negro escravizado no Brasil.

Busca-se através dessa pesquisa contribuir para maiores investigações acerca do trabalho dessa escritora e dos negros escravizados, pois esta obra destaca o momento em que os negros conseguem mostrar a sua voz através da literatura, em busca de sonhos, e persistindo por um país sem desigualdade e opressão.

## **2 A história vista de baixo em ÚRSULA, de Maria Firmina dos Reis**

A literatura é uma fonte rica de conhecimento que serve tanto para refletir o contexto da sociedade na qual ela foi produzida, como para criticar, por isso deve ser considerada uma fonte histórica, pois ela traz marcas, traços, não só da sua autoria, mas também da sua época. No entanto, é sabível que muitos escritores por meio da literatura apenas reforçaram em suas obras os valores impostos de uma sociedade, um exemplo são obras que falam sobre o negro e a escravidão no Brasil, pois muitas apenas reforçaram preconceitos e estereótipos negativos sobre o negro enraizados no período oitocentista.

Há, entretanto, autores, que fizeram da literatura um instrumento comprometido de denúncia da escravidão e deram vozes aos negros que não poderiam falar naquele contexto, como é o caso da escritora Maria Firmina dos Reis. Desse modo, a literatura então se torna capaz de abranger diversas vozes de excluídos da história, como as mulheres e os negros, tornando-se, assim, uma fonte histórica primordial para reconstrução de uma nova história de classes marginalizadas.

Ao tratar das relações entre literatura e história, é impossível negar a contribuição da corrente historiográfica chamada nova história para a discussão de obras literárias, pois, se antes as fontes literárias eram deixadas de lado pela historiografia tradicional, com a nova história elas ganham destaque e são primordiais, principalmente para a escrita da história vista de baixo, como, por exemplo, a história dos negros escravizados, visto que muitas obras literárias

apresentam perspectivas diferentes do passado e questionam as verdades históricas pré-estabelecidas pela historiografia tradicional.

De acordo com o historiador britânico Peter Burke, a nova história é a “história escrita como uma reação deliberada contra o paradigma tradicional” (BURKE, p.10); a história que se ocupa de todas as atividades humanas e não só com os grandes feitos, como é comum na história tradicional, aquela pregada por Ranke.

Burke (1992) enfatiza que não é fácil dar uma definição categórica para a nova história. Desse modo, prefere “definir a nova história em termos do que ela não é, daquilo a que se opõem seus estudiosos”. (BURKE, 1992, p. 10). Por mais vago e impreciso que o termo pareça, o teórico confronta a história tradicional, com as ideias da nova história, a fim de mostrar a grande importância dessa corrente para a discussão no campo da história.

De forma sucinta, Burke ressalta que “de acordo com o paradigma tradicional, a história diz respeito essencialmente à política” (BURKE, 1992, p. 11). A nova história, no entanto, preocupa-se com toda atividade humana, pela história que todas as coisas têm, isto é, busca uma história total. Por meio da perspectiva da nova história, tópicos antes vistos pela historiografia tradicional como a- históricos, como, por exemplo, a morte, o corpo, a leitura etc. que anteriormente não se havia pensado possuírem uma história, se tornaram notáveis na nova história.

Outro traço do paradigma tradicional contestado pela nova história é a de que a história é objetiva, sendo assim, a tarefa do historiador é apresentar os fatos como eles realmente aconteceram. Burke enfatiza que “não podemos evitar olhar o passado de um ponto de vista particular. Só percebemos o mundo através de uma estrutura de convenções, esquemas e estereótipos, um entrelaçamento que varia de uma cultura para outra” (BURKE, 1992, p.15). Assim, um mesmo evento histórico pode ser narrado sob pontos de vistas diferentes. Um exemplo disso é a narrativa histórica brasileira sobre a escravidão: se é contada pelo viés do colonizador português, a narrativa histórica será romantizada, diferentemente do que aconteceria se fosse um negro narrando a história da escravidão no Brasil.

A nova história se opõe também à perspectiva historiográfica tradicional, que acredita que a história deve ser baseada somente em documentos, aqueles preservados em arquivos ou registros do governo. Burke ressalta que “os registros oficiais expressam o ponto de vista oficial” (BURKE, 1992, 13). Dessa forma, o preço dessa visão da história tradicional foi a negligência de outros tipos de evidências. Entretanto, com a nova história outras fontes são privilegiadas para a reconstrução do passado, como, por exemplo, as fontes literárias, que são importantíssimas para se compreender uma sociedade passada no que diz respeito a seu modo

de vida, mazelas etc. As fontes literárias também podem trazer uma nova versão da história, que, na maioria das vezes, se distancia da historiografia oficial. De acordo com Junior (2010, p.10):

Neste diversificado e complexo universo, a literatura acabou fixando-se como uma fonte altamente produtiva, pois permitiu aos historiadores adentrarem em um universo amplo e repleto de significações/representações, pois como a incorporação deste tipo de artefato na produção historiográfica, passamos a considerar “novas maneiras de pensar a história” e questionar antigos padrões e verdades históricas pré-estabelecidas.

Outra característica do paradigma tradicional contestado pela nova história é a de que “a história tradicional oferece uma visão de cima, no sentido de que sempre se concentra nos grandes feitos dos grandes homens. Ao resto da humanidade foi destinado um papel secundário no drama da história” (BURKE, 1992, 2017). Os historiadores da nova história, por sua vez, estão preocupados com a história vista de baixo. A nova história interessa-se com a vida, as opiniões de pessoas comuns, deslocando o centro da sua atenção para aqueles que foram silenciados na historiografia tradicional, como as mulheres, os negros, os pobres, ou seja, todos aqueles que vivem à margem da sociedade. A nova história, portanto, dá voz às pessoas comuns, excluídas. Seu principal objetivo é permitir que pessoas das classes inferiores contem sua versão da história que, na maioria das vezes, se opõe à historiografia tradicional, um exemplo é a história da escravidão, que, por meio da nova história, é contada pelo ponto de vista do negro, possibilitando assim uma visão mais comprometida com a história dos negros escravizados.

Segundo o professor de história Jim Sharpe (1992), a história vista de baixo possui duas finalidades importantes. A primeira é servir como corretivo à história vista de cima, da elite. Portanto, a história vista de baixo, por exemplo, traz um novo olhar sobre a escravidão no Brasil, que, por muito tempo, foi contada pelo ponto de vista da elite, do colonizador. Contudo, uma nova visão do escravo surge a partir dessas novas orientações historiográficas. Segundo Correia (2012), passou-se a negar a coisificação e a vitimização dos cativos predominantes na história oficial, e, em contrapartida, os escravos que surgiram dos arquivos de pesquisa da nova história passaram a ser vistos como seres sociais ativos, agentes históricos, capazes de agir e influenciar o mundo ao seu redor, capazes de elaborar inúmeras estratégias para facilitar suas vidas e diminuir sua dependência com relação aos seus senhores.

A segunda finalidade da história vista de baixo é que “ela possibilita uma compreensão mais rica da história” (SHARPE, 1992, p. 53), pois ela leva em conta novos objetos, metodologias e novas fontes, como as literárias. Sendo assim, ler narrativas afrodescendentes que falam sobre os negros escravizados possibilita uma visão histórica de atos de senhores de engenho, as injustiças que os negros sofriam no período escravocrata.

Alinhando o conceito de história vista de baixo e a necessidade de redescobrir obras literárias de escritores negros, a discussão da obra *Úrsula*, escrita em 1859, por uma mulher negra, demonstra que “o negro sempre falou. No entanto, a potencialidade criativa dos afro-brasileiros ficou esquecida e foi silenciada ao longo do tempo” (ZIN, 2018, p. 270).

Assim, de acordo com Burke (1992), o acesso à verificação de novas fontes históricas, como as literárias, permite abranger diversas vozes de excluídos da história como as mulheres e os negros. Por conseguinte, a obra *Úrsula* traz uma nova ótica sobre o negro e a escravidão pelo olhar dos de baixo. A história da escravidão é contada pelo ponto de vista do negro, e não do colonizador, contrapondo-se assim à visão do negro no cânone literário e na historiografia tradicional.

Por meio da sua obra, ela dá oportunidade para o negro ser porta voz de sua própria história, podendo expressar sua opinião com relação à escravidão, o quanto almejava a liberdade. Através da voz da escritora, do romance *Úrsula*, podemos conhecer as injustiças e preconceitos que cercavam a sociedade patriarcalista do século XIX, a qual ditava as regras naquela época.

### **3 A escravidão no Brasil no século XIX**

A lei que aboliu a escravatura no Brasil completou 133 anos em 2022. Ela se resume a apenas dois artigos e revoga qualquer decisão contrária. Embora muito sintética, uma grande conquista para os povos escravizados, pois, até que se alcançasse esse êxito, muitas atrocidades foram praticadas contra os negros que foram trazidos forçadamente para o Brasil, em sua maioria do continente africano.

Os negros chegaram aqui através das colônias, por volta de 1550, a fim de ser mão de obra dentro de um modelo mercantilista que fora instituído pelos portugueses, vieram em navios negreiros, e eram exibidos como objetos para compra.

De acordo com Monteiro (2012, p. 360):

Procedendo-se à interpretação literal e teleológica da norma, extrai-se que a finalidade da Lei Áurea foi a imediata extinção da escravidão no Brasil. A partir de então, uma a uma as portas das senzalas foram sendo abertas e os negros puderam irromper, pela primeira vez, os limites das cercas das propriedades de seus senhores, como forma de concretizar os ditames literais da lei.

Sancionada pela então princesa imperial regente, a Lei nº 3.353 foi decretada em 13 de maio de 1888, declarando extinta a escravidão no Brasil. No entanto, por mais que já se

tenha passado mais de 100 anos da assinatura da Lei Áurea, a sociedade brasileira ainda convive com as marcas deixadas pela exploração da mão de obra escrava. “No Brasil, a escravidão contemporânea manifesta-se na clandestinidade e é marcada pelo autoritarismo, corrupção, segregação social, racismo, clientelismo e desrespeito aos direitos humanos” (Plano Nacional de Erradicação do Trabalho Escravo, Brasília, 2003).

A permanência dos trabalhos em regime análogo à escravidão tem como alicerce direto o passado escravista histórico em que o Brasil esteve inserido, pois, por quase quatro séculos, os negros foram explorados e maltratados por uma elite burguesa e patriarcal que objetivava apenas o benefício próprio, dispensando o humanismo social existente entre as raças. Aqui, um dos momentos de apogeu da exploração negra se deu no século XIX, palco de grandes transformações econômicas, políticas e sociais, coincidindo também com a exportação de açúcar para o mercado exterior, exigindo mais mão de obra barata para suprir a demanda.

Contudo, essa demanda era alcançada em virtude do esforço dos negros trazidos para o Brasil, dadas as circunstâncias dos africanos se adaptarem melhor ao tipo de trabalho realizado na colônia, tornando-se uma excelente alternativa econômica no qual trouxe muitos lucros para os portugueses, no entanto, o trabalho desenvolvido por eles era tão braçal e injusto que a vida útil de um adulto não passava de dez anos. Eram sujeitos a punições severas, alguns conseguiam fugir, outros se suicidavam, como afirma Moura (1992, p. 15):

O negro escravo vivia como se fosse um animal. Não tinha nenhum direito e pelas Ordenações de Reino podia ser vendido, trocado, castigado, mutilado ou mesmo morto sem que ninguém ou nenhuma instituição pudesse intervir em seu favor. Era uma propriedade privada, propriedade como qualquer um outro semovente, como o porco ou o cavalo.

No entanto, não se conformavam com as condições às quais eram submetidos, prova disso eram as manifestações de fuga e revolta protagonizada pelos negros, reforçando que a construção da liberdade escrava não se restringia aos discursos abolicionistas ou antiescravistas. Porém, qualquer ato de desobediência ou rebeldia era revidado com castigos físicos como medida de reafirmar o domínio de seus senhores e a submissão escrava.

Ainda de acordo com Moura (1992, p.18):

Os dois instrumentos de suplício mais usados eram o tronco e o pelourinho, onde eram aplicadas as penas de açoite. O primeiro poderemos colocar como símbolo da justiça privada e o segundo como símbolo da justiça pública. [...] Ao negro fugido encontrado em quilombos mandava-se ferrar com um F na testa e em caso de reincidência cortavam-lhe uma orelha.

Ou seja, na conjuntura da época, o negro não possuía direitos e nem amparos, podendo ser vendido, emprestado, trocado. Em outras palavras, os cativos eram tratados como uma verdadeira moeda, não tendo por muitos anos a quem recorrer a seu favor, e foi no século XIX, conhecido como o “século negro”, que muitos autores usaram a literatura para falar sobre a escravidão, a abolição e as relações entre senhores e escravos.

De acordo com Abreu (2014, p. 01):

No “século negro” a escravidão, a abolição, as relações entre senhores e escravos se estabeleceram, trazendo para a cena literária romances, contos, crônicas, de referências da literatura do Brasil, quase todas de autores bem conhecidos: Maria Firmina dos Reis, Joaquim Manuel de Macedo, Bernardo Guimarães, Aluísio Azevedo, e, não menos importante, Machado de Assis. Sob o manto da segurança do fazendeiro, do preconceito da cor, da sentimentalidade, da crítica ao desejo de notoriedade burguesa, da denúncia da violência escravocrata, estes escritores, uns de forma mais consciente e crítica do que outros, evidenciando uma leitura histórica, social e política que problematiza as estruturas de domínio da sociedade brasileira e a forma como exercem a sua autoridade, escreveram e conceberam, indubitavelmente, a história brasileira de oitocentos.

Percebe-se que a representatividade do negro na literatura foi exibida de forma mais intensa a partir do século XIX, no período oitocentista, pois as discussões a respeito do fim da escravidão e os movimentos abolicionistas motivaram os escritores brasileiros a voltarem sua atenção para os escravos. Candido (1973, p. 98) afirma que:

O eixo do romance oitocentista é pois o respeito inicial pela realidade, manifesto principalmente na verossimilhança que procura imprimir à narrativa. Há nele uma espécie de proporção áurea, um ‘número de ouro’, obtido pelo ajustamento ideal entre a forma literária e o problema humano que ela exprime.

Dessa forma, os autores oitocentistas apresentavam em suas narrativas a presença dos acontecimentos da sociedade, com o objetivo de chamar a atenção dos leitores para as condições sócio-históricas, como por exemplo a escravidão brasileira.

Dentre os autores do período oitocentista que usaram seus escritos para abordarem o tema da escravidão, destaca-se Maria Firmina dos Reis, com o livro *Úrsula*, o qual é considerado o primeiro romance brasileiro a se posicionar contra a escravidão pelo ponto de vista do negro. A autora maranhense não falou superficialmente dos sofrimentos deles em sua obra, mas deu voz aos negros, deixando que eles contassem sua história. No livro, a narrativa dos sofrimentos dos escravizados é contada do ponto de vista não de um branco, mas de um negro, inovando-se, assim, na literatura nacional antiescravista.



#### 4 *Úrsula* sob o olhar de “Uma maranhense”

No século XIX, umas das principais representantes da produção literária feminina foi Maria Firmina dos Reis, que além de ser mulher, era negra, características que impediam de seus escritos serem, naquela época, colocados em maior evidência por causa da pouca notoriedade que era dada a uma mulher nas suas condições.

Pinheiro (2016, p.21) relata que:

Concentrando-nos no século XIX encontramos um período de produção literária feminina, dentre elas da mulata Maria Firmina dos Reis, natural da Ilha de São Luís, capital da província do Maranhão, nascida em 11 de outubro de 1825, registrada por João Pedro Esteves e Leonor Felipe dos Reis. Aos cinco anos mudou-se para o interior do Maranhão, para uma vila chamada Guimarães, onde vai viver até sua morte em 1917.

Maria Firmina dos Reis nasceu numa época em que a mulher não tinha voz, era inferiorizada, submissa ao marido, criada somente para cuidar do lar e filhos, impedida de estudar, trabalhar e ter os mesmos direitos que os homens possuíam. Entretanto, mesmo com todos esses obstáculos, a escritora maranhense revolucionou, no período oitocentista, ao escrever a obra romântica *Úrsula*, numa época em que os apelos dos negros e mulheres eram silenciados e essa classe deixada à margem da sociedade.

Machado (2019, p.01)) aponta que:

Firmina dos Reis nasceu destinada a ocupar um espaço social muito pouco acolhedor: como mulher negra, bastarda e de família de poucas posses, ela estava destinada ao silêncio. Contra todas as expectativas, invadiu áreas altamente excludentes da sociedade patriarcal escravista maranhense.

A mulher no século XIX vivia à sombra de um patriarcalismo exacerbado. Era moldada desde pequena a cuidar do lar, torna-se uma boa mãe e esposa. Essa classe marginalizada não participava de decisões políticas e a educação que recebia acontecia normalmente em sua própria casa, pois as escolas eram destinadas aos homens, que eram letrados e se formavam, enquanto que para as mulheres não lhe restava outra alternativa a não ser tornarem-se exímias donas de casa.

De acordo com Mendes (2013, p.27-28):

Às mulheres da primeira metade do século XIX, a instrução oferecida era quase exclusivamente voltada para a economia doméstica, não havendo espaço para o aprendizado de um ofício externo ao lar. O que diferenciava a instrução destinada às mulheres e aos homens é o fato de que a estes o ensino visava ao desempenho de uma profissão. A mulher, como precisava ser boa mãe e esposa, para que cuidasse bem de seu marido e educasse seus filhos dentro da moral patriarcal e cristã, esperava-se apenas que fosse bem-educada e instruída de forma a desempenhar corretamente os afazeres domésticos. O homem era entendido como o provedor da família, já a mulher

deveria cuidar, exclusivamente, da educação dos filhos, da economia doméstica e organizar de forma precisa o bom funcionamento do lar.

Indo contra todos os costumes da época, surge, então, no cenário oitocentista, marcado pela exclusão da mulher e do negro, a autora Maria Firmina dos Reis, tirando as mordidas dos seres marginalizados socialmente. Ela publica o romance *Úrsula*, revolucionando, ao escrever num período marcado maioritariamente por escritores homens.

Sobre isso, Lucena (2012, p.16) atesta que:

Nesse período publicar uma obra era algo difícil e, se tratando de uma mulher e negra enquanto autora, era algo quase impossível, então nesse pensamento atribuímos a Maria Firmina dos Reis um ato de muita coragem e determinação, pois passou a ocupar um espaço que até então era interdito às mulheres.

A escrita foi por muito tempo renegada às mulheres. Firmina, no entanto, inconformada com padrões vigentes do período oitocentista, no qual a mulher e o negro não tinham voz e vez, rompe essa barreira e cria uma narrativa que reflete as vivências que sentiu na pele, como o preconceito racial e social, pois era uma mulher e negra.

Maria Firmina viveu em pleno período escravocrata e o sofrimento de seus semelhantes não lhe passava despercebido. Essa inquietação com a forma como eram tratados os negros foi o que levou a autora a escrever o romance abolicionista *Úrsula*, tendo como cenário principal da narrativa a escravidão. Falar sobre o negro e a escravidão, na sua obra, demonstrou uma atitude corajosa, no contexto na qual estava inserida.

Ainda segundo Lucena (2012, p.18):

Conteúdo revolucionário para o período oitocentista, principalmente se levarmos em consideração que o Maranhão era uma das províncias mais escravocratas do Brasil, dessa forma a autora pode ser considerada uma mulher de muita coragem, por denunciar atos opressivos de muita violência brutal e psicológica nesse contexto social do século XIX.

Aos 21 anos, Maria Firmina alcançava o emprego de professora na cidade de Guimarães. Sendo fluente em inglês e francês, era musicista e também foi uma importante escritora. Reconhecida, principalmente, pelo seu romance *Úrsula*, publicado em 1859, considerado o primeiro no Brasil a ser lançado por uma mulher, também o primeiro a ter por autora uma pessoa afro-brasileira.

A escrita feminina e principalmente a autoria feminina negra, no período oitocentista foi impedida pela sociedade patriarcal e escravista, certamente por isso, e em grande medida

por não ter assinado o romance com seu próprio nome Firmina pôs-lhe o pseudônimo de “Uma maranhense”.

Ainda de acordo com Pinheiro (2016, p.41):

Úrsula é um romance do século XIX, com características peculiares ao movimento estético da época – romantismo, mas que traz a força de ser inovador por essa permissão dada ao leitor de lê-lo de dentro para fora e apresentar personagens tipicamente excluídos de fala, como o negro e a mulher.

Observa-se que a obra é interessante sob diversos aspectos, dentre os quais a denúncia das injustiças praticadas por quase quatro séculos, onde os negros foram explorados e maltratados por uma elite burguesa, autoritária e patriarcal que objetivava apenas o benefício próprio, dispensando o humanismo social existente entre as raças.

Pode-se afirmar também que essa obra, diferente de outras da sua época, não aborda um ideal nacionalista tão empregado no Romantismo Brasileiro, como por exemplo, nas obras de Gonçalves Dias, onde o indígena era idealizado, cheio de coragem, força, beleza e honra, simbolizando as raízes brasileiras e enaltecendo suas próprias características.

Segundo Reis (2017, p.7-8):

Úrsula, obra do romantismo brasileiro, sem aquele nacionalismo idílico, um tanto infantil que os românticos cultivavam, é um livro marcadamente cristão. Porque a autora tinha um lado místico até bem pronunciado, era cristã, e porque sabia o que estava fazendo: havia a necessidade de apontar a absurda contradição de toda uma sociedade que se considera seguidora do Cristo, e permite a escravidão.

Na obra, Maria Firmina se posiciona contra a escravidão, descrevendo o romance do ponto de vista do negro, dando voz a eles e deixando que contassem suas histórias, sendo representados por um viés positivo promovendo situações nas quais é perceptível a imagem bondosa do ser negro, desmitificando, assim, a denotação negativa como era visto o mesmo, inovando-se, assim, a literatura antiescravista.

## **5 O negro sob a ótica de “Uma maranhense”**

Maria Firmina dos Reis aborda a temática relacionada ao negro expondo as desigualdades do sistema colonial, mediante a um discurso ideológico. Essa manifestação possibilitou a Firmina a apresentação da imagem dos escravizados baseada em uma fala discordante em relação à escravidão no século XIX. Com o objetivo de combater o sistema escravocrata daquele período, ela utilizou os seus escritos para chamar a atenção dos leitores sobre a indecente e injusta submissão dos escravos.

Firmina vale-se da representação dos negros de forma estratégica para “[...] afirmar sua identidade e a existência de uma história própria deles” (SAID, 2011, p. 11), visto que a autora põe em evidência a ascendência africana daqueles que eram oprimidos pelo patriarcalismo da época.

Dessa forma, a escritora expressa questões reflexivas que vão desde a conduta do negro até os temas voltados a sua cultura própria da África. Essas temáticas fazem do discurso de Firmina algo inovador, já que ela utiliza diversas características positivas ao abordar o escravizado e mostra o sujeito negro levando em consideração sua vivência na África e suas práticas em territórios diferentes sob a tirania do sistema escravista.

Levando em consideração os aspectos compreendidos anteriormente, o negro deveria ser um atuante na sociedade brasileira, pois era visto apenas como um escravo, tendo a função meramente de servir os seus senhores. Maria Firmina elimina essa característica depreciativa e coloca uma imagem em que prevalece a história dos negros. Essa representação teria como finalidade mostrar a importância dos cativos na sociedade, indo além dos trabalhos forçados que eles exerciam e configurar na população um povo com uma história e cultura diversificada e rica.

À vista disso, Firmina quis desconstruir o modelo pejorativo do cativo, mostrando a imagem dele através da literatura. Esse interesse pode ser visto a partir de um sentimento humanitário surgido em uma época em que o negro era conhecido pela característica de inferioridade diante dos seus senhores.

A escolha de mostrar os escravos de forma benevolente encaminhava-se a oposição das manifestações do sistema patriarcal, pois a escritora via o grande contraste presente entre negros e brancos, por isso em suas ideias antiescravistas “[...] há a construção de uma subjetividade negra, reafirmando-se o aspecto político de seus posicionamentos e a busca pela liberdade em expressá-los de modo a promover uma mudança social” (CARVALHO, 2018, p. 16).

A transformação social possuía o propósito de alterar o panorama, no qual os escravos estavam sendo vistos e usados pela sociedade. Maria Firmina exhibe suas opiniões em relação ao contexto histórico-social no qual há uma subversão quanto à maneira de trabalhar o tema escravista em confronto com os discursos impostos no período.

É a partir da subjetividade que Firmina coloca a sua identidade como meio de retratar os negros, pois em suas obras “[...] o comportamento dos personagens, a construção de cenas e diálogos, o encadeamento de conflitos e as relações entre as personagens são marcadas pela presença de percepções próprias acerca da causa antiescravista” (CARVALHO, 2018, p. 17).

Essa causa adotada por ela deu uma compreensão da condição de submissão dos cativos, isso é apresentado pelos próprios negros, dando dessa forma a representação que eles mereciam.

É situada a questão antiescravista de maneira silenciosa, encontrando-se implicitamente apresentada para suprimir o estereótipo no qual era visto o sujeito negro, uma vez que eram coisificados, sendo dessa forma vistos como escravos sem vez e voz.

Maria Firmina foi além, colocando sua expressão em relação aos negros em destaque através de seu discurso de igualdade entre as raças. Ela apresenta o sujeito negro como um ser que possui história, cultura e sua própria identidade que ultrapassa apenas o relato da escravidão.

### 5.1 Literatura antiescravista no romance *Úrsula*

A literatura do século XIX ainda estava sendo inclinada para as diversas imagens dos negros, no entanto a representação dos cativos através da cultura e outras características que mostrassem a sua história ainda não estavam sendo abordadas. Essa representação perdurou durante muito tempo.

Conforme Rabassa (1965, p.99):

Na literatura produzida no Brasil até 1888, o negro apareceu em papéis diversos [...]. Os primeiros inscitos geralmente incluíam polêmicas contra ou a favor da escravidão, corrente que iria contribuir com outras obras até a abolição e, mesmo depois disso, em retrospectos. Como pessoa, o negro foi descrito como quase tudo cabível na escala humana de interpretação: uma figura semelhante a feras que servia apenas para o trabalho pesado, um ser diabólico, imoral, cruel, um escravo nobre [...]. Em poucas palavras, o negro apareceu sob quase todos os ângulos concebíveis pelos autores que dele se ocuparam.

Na obra *Úrsula* essas ideias são ultrapassadas, fornecendo para o leitor vários fatores que levavam o negro a um papel em que pudesse ser exercido de forma ativa. Essa literatura possibilitou a identificação de um negro até então negado pela sociedade da época, mostrando o cativo como um ser cheio de virtudes, com cultura, religiosidade, história. Desfazendo uma ideologia escravocrata que subestimava a capacidade da raça negra. É nesse panorama que se encontra um dos principais focos do discurso antiescravista presente na literatura de Maria Firmina dos Reis.

A escritora maranhense, por meio de suas convicções e atuação, colocou-se no lugar dos escravizados, mostrando uma inquietação por intermédio da escrita. Essa literatura diferente propiciou o afrontamento no discurso hegemônico, pois trouxe uma diferente visão dos cativos, recorrido por mediação literária.

De acordo com Martin (1988, p.13):

Maria Firmina dos Reis evidentemente traz uma contribuição definitiva para a literatura abolicionista: ela representa um ponto de vista de oposição à tendência geral, dotando o negro de um padrão mental próprio dentro do cenário de Novo Mundo. Isto significa uma revolução na representação do outro e na representação da autoridade. Não só o outro passa a ter um 'eu', como também passa a se expressar de modo próprio.

Compreende-se que Maria Firmina através de suas narrativas expõe a percepção clara para o fortalecimento de atitudes políticas antiescravistas através da expressão dos negros na literatura. Ao ser indicada a viabilidade de atitudes políticas na escrita dela, a escritora se faz sujeito e promove o discurso em combate à desigualdade, trazendo-o a partir de sua própria fala nas narrativas, acompanhando um panorama histórico e envolvido com a denúncia através de um argumento político mais denso, promovendo a reflexão acerca de práticas estabelecidas no período contra a população escrava.

Percebe-se a relevância que a literatura da escritora maranhense demonstra ao desenvolvimento da luta dos negros escravos. Esses escritos antiescravistas tinham o propósito de ser disseminado pela sociedade com a finalidade de alcançar todas as camadas sociais. Firmina quis, por conseguinte, romper com o silêncio em que eram acometidos os cativos, ultrapassando os limites de representação dos negros.

Conforme Carvalho (2018, p.23-24):

No Brasil, a presença do personagem negro na literatura tem sido marcada por estereótipos que mascaram o preconceito nas letras nacionais, corroborando com uma imagem do homem e da mulher negra apenas como objetos, longe de um protagonismo ou consciência sobre o sistema e práticas de exclusão e racismo. Na literatura nacional, sua apresentação ocorre muito mais como tema do que como voz do discurso, o que sugere uma história de escravização, em que o sujeito negro foi colocado à margem e visto mais como força braçal do que como intelectual [...].

Dessa maneira, a literatura antiescravista é pautada no desenvolvimento de modelos sociais. À vista disso, Maria Firmina tinha a esperança de enfraquecer o sistema escravocrata, reivindicando e combatendo a opressão imposta pelo discurso patriarcal, desfazendo a percepção do sujeito negro apenas como um serviçal.

A escritora maranhense tenta chamar a atenção de uma sociedade preconceituosa, romper com os parâmetros excludentes da época e promover a circulação de uma literatura incomum, apresentando isso com destaque no seu romance *Úrsula*, permitindo o ponto de vista interno dos personagens, especialmente, negro e mulheres.

Com base no que foi exposto, nota-se que a compreensão de Firmina sobre o sistema escravista rompe com as ideias autoritárias da época e apresenta uma literatura oitocentista

inovadora para aquele contexto, exibindo uma construção literária em que permite enxergar as mazelas daquele período.

## 5.2 A construção do negro na obra *Úrsula*

Os negros começaram a ser representados na literatura, no período da escravidão, com o início do movimento abolicionista no século XIX. Muitos autores abolicionistas, uns com uma postura mais crítica do que outros, começaram a trazer aos poucos os personagens negros em suas obras, mas até então com uma visão distanciada. Segundo Castilho (2004, p. 105):

Nos textos literários desse período, os escravos eram descritos com desgosto, piedade e de forma desumana. Mesmo os escritores interessados nos problemas da escravidão, os chamados “abolicionistas”, como Bernardo Guimarães, Castro Alves, Fagundes Varela e Joaquim Manuel de Macedo, foram disseminadores, através da literatura de todos os preconceitos e intolerância que rodeavam a questão da raça e da cor. O negro era representado ora como escravo nobre, ora como demônio, imoral etc.

A escrita de Firmina se difere grandemente de outros textos que representaram o negro antes e depois da publicação de *Úrsula*, pois há na narrativa *Úrsula* uma “genuína preocupação com a história, o elo com a África e a consciência com as próprias raízes” (MARTINS, 2013, p. 10). Há, na escrita de Firmina, o desejo de tornar o negro um sujeito. Para isso a autora constrói de forma estratégica seus personagens, dando-lhes voz e deixando que eles mesmos contem suas histórias.

Abreu (2014, p.18) infere que:

Inovadoramente, Firmina dos Reis, além de assumir não apenas a diferença, a ruptura com uma tradição literária baseada no paternalismo e no racismo, onde o cativo, desprovido de humanidade, inexistia como sujeito, concede ao negro aquilo que lhe estava vedado na narrativa brasileira, a voz.

Nota-se que alguns autores do período oitocentista escreveram sobre o negro em suas obras, dentre eles estão Bernardo Guimarães, com a *Escrava Isaura*, e Castro Alves, com *O navio negreiro*. Entretanto, apesar desses escritores serem considerados abolicionistas, “seus personagens fogem às características afrodescendentes e não têm voz” (CARVALHO e SANTOS, 2018, p.36), divergindo assim dos personagens negros construídos por Maria Firmina dos Reis.

Se analisarmos com atenção, perceberemos um equívoco velado de alguns autores considerados abolicionistas que “deram voz” ao marginalizado pela escravidão. Na *Escrava Isaura*, por exemplo, ocorre um branqueamento da personagem, atribuindo-lhe características dos ideais de comportamento da raça dominante. A escrava merecia piedade somente pelo fato de ser uma escrava branca. No poema *Navio Nегreiro*, de Castro Alves, podemos notar que não há a voz do negro, mas alguém falando sobre o

negro, se comportando como uma espécie de advogado de defesa do oprimido, que assume, na literatura, um grito de revolta quanto ao processo escravagista do século XIX, tentando comover o público contra a ilegitimidade da escravidão. Porém em nenhum momento apela por exemplo, a Zumbi dos Palmares, que empunha a bandeira da libertação. (CARVALHO e SANTOS, 2018, p.36)

Outro grande autor que faz parte do rol dos escritores abolicionistas e que seus escritos divergem grandemente da construção do negro na obra de Firmina é o autor Joaquim Manuel de Macedo, com a obra *As vítimas algozes*, pois, em sua obra, os personagens escravos são construídos de maneira que sua história e voz são silenciadas, prevalecendo tão somente estereótipos negativos e preconceitos contra o negro, destituindo-o de todos os sentimentos humanos.

Nota-se que, ao longo da história literária brasileira, o negro na maioria das vezes foi visto de forma negativa e dentre todas as representações do negro na literatura, que começou no período da escravidão por autores que se declaravam “abolicionistas”, as que mais prevaleceram nos romances brasileiros foram, segundo Brookshaw (1983, p.50) “a imagem do negro representada pela tríade: demônio, cruel e imoral”. As características nobres eram manifestadas tão somente aos personagens brancos. A obra *Úrsula*, no entanto, difere de muitas obras que abordaram o negro de forma negativa, pois ela constrói o negro com uma atitude compromissada, tornando-o um sujeito e não um simples objeto a ser descrito.

Maria Firmina, no decorrer do romance *Úrsula*, coloca a história de um casal tipicamente branco muito divulgado nas obras literárias naquela época. No entanto, por detrás daquela famosa história de amor, aparece a voz do negro ganhando destaque ao longo da narrativa.

O título do primeiro capítulo é denominado “As duas almas generosas”, no qual já é perceptível a igualdade em que Firmina coloca os personagens negros e brancos. Nesse capítulo, o negro Túlio, um jovem escravo, socorre Tancredo de um acidente, demonstrando sentimento de compaixão por um homem branco que ele não conhecia, mas, como Deus havia colocado sentimentos generosos em seu coração, o jovem escravo demonstra bondade e socorre Tancredo.

Reunindo todas as suas forças, o jovem escravo arrancou de sob o pé ulcerado do desconhecido o cavalo morto, e deixando-o por um momento correu à fonte para onde uma hora antes se dirigia, encheu o cântaro, e com extrema velocidade voltou para junto do enfermo, que com desvelado interesse procurou reanimar. Banhou-lhe a fronte com água fresca, depois de ter com piedosa bondade colocando-lhe a cabeça sobre seus joelhos. Só Deus testemunhava aquela cena tocante e admirável, tão cheia de unção e de caridoso desvelo! E ele continuava a sua obra de piedade, esperando ansioso a ressurreição do desconhecido, que tanto o interessava. (REIS, 2018, p.19)



Nota-se, nesse episódio, a estratégia inovadora da autora de construir um personagem que fosse diferente de outros relatos que abordaram o negro. O jovem negro Túlio é vítima da escravidão e não desumano. A escravidão fazia Túlio sofrer, mas o negro continuava possuindo os mesmos sentimentos generosos. Essa construção de Túlio como um negro possuidor de sentimentos generosos destoa da construção do negro presente, por exemplo, no livro *As vítimas algozes*, no qual Joaquim Manuel de Macedo defende que todo o negro vítima da escravidão era incapaz de possuir sentimentos nobres. Esses sentimentos de bondade na obra de Macedo aparecem tão somente nos personagens brancos que são os senhores escravocratas.

Observa-se que em *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis traz a escravidão como algo odioso, mas isso não torna o jovem negro insensível, desumano. Ao longo da obra, nota-se que o comportamento de Túlio é sempre baseado em valores nobres. Percebe-se a infelicidade no qual Túlio estava passando por ser escravizado, era um negro que sofria por toda aquela situação de submissão, no entanto, isso não impediu de ser bondoso e ter seus valores, apesar de todos os obstáculos. Como pode ser observado no trecho a seguir:

E o mísero sofria; porque era escravo, e a escravidão não lhe embrutecera a alma; porque os sentimentos generosos, que Deus lhe implantou no coração, permaneciam intactos e puros como a sua alma. Era infeliz, mas era virtuoso; e por isso seu coração enterneceu-se em presença da dolorosa cena, que se lhe ofereceu à vista. (REIS, 2018, p. 19)

Firmina inova na literatura, ao humanizar os negros, construindo os personagens negros escravizados de seu romance, como sentimentos generosos, desfazendo estereótipos negativos contra o negro, que predominavam os de que eles eram odiosos e incapazes de possuírem sentimentos nobres, pois a sociedade escravocrata acreditava que “os africanos eram uma raça inferior e que não possuíam valores. O colonizador escravagista apresentava o outro, no caso o negro, como a encarnação do mal e a si mesmo como a do bem” (SANTOS e CARVALHO, 2018, p.37).

O negro foi descrito em muitos romances das piores maneiras possíveis. Maria destoa de outros relatos, quando exalta a figura do negro, falando da sua nobreza e do sangue africano. Na construção do personagem Túlio, nota-se uma valorização das características próprias dos afrodescendentes, desconstruindo, assim, com o estereótipo racial que sempre deu ao negro um status negativo. Maria Firmina descreve Túlio como:

O homem que assim falava era um pobre rapaz, que ao muito parecia contar vinte e cinco anos, e que na franca expressão de sua fisionomia deixava adivinhar toda a nobreza de um coração bem formado. O sangue africano fervia-lhe nas veias; o mísero ligava-se à odiosa cadeia da escravidão; e embalde o sangue ardente que herdara de seus pais, e que o nosso clima e a servidão não puderam resfriar, embalde – dissemos

– se revoltava, porque se lhe erguia como barreira – o poder do forte contra o fraco!  
(REIS, 2018, p. 18)

A construção dos personagens negros acontece de forma que a autora exalte a figura do negro. No decorrer do enredo, a estratégia de Firmina consiste em atribuir aos negros características físicas e morais que lhes foram silenciadas em muitos relatos.

No romance de Firmina, há uma desconstrução de estereótipos enraizados na sociedade oitocentista que via o negro como “um ser despido de humanidade, receptáculo da maldade, da crueldade e da maledicência” (RUFATTO, 2015, p.12). Maria Firmina lança um novo olhar sobre o negro, ao construí-lo como ser humano dotado de sentimentos e em pé de igualdade com o branco.

A teoria da inferioridade das raças advinda da Europa chegou ao Brasil no século XIX. “As teorias raciais deram status científico às desigualdades entre os seres humanos e através da utilização do conceito de raça puderam classificar a humanidade, fazendo uso de sofisticadas formas de separar as raças humanas” (BARBOSA, 2016, p. 251). As teorias científicas raciais refletiram-se em várias obras abolicionistas. A ideia da superioridade da raça branca sobre a negra fazia parte da mentalidade da sociedade oitocentista. Maria Firmina, no entanto, acreditando na igualdade entre as raças, constrói o personagem Túlio, no mesmo grau de igualdade que o personagem e protagonista branco da narrativa, Tancredo.

Ao longo da narrativa, Maria Firmina destaca o zelo e a dignidade de Túlio que resulta em sua alforria. Mostra o laço de amizade verdadeira entre um branco e um negro. Ela constrói um personagem negro de bom caráter, que durante a narrativa cresce enquanto personagem. A autora revela, por meio da construção desse personagem, que “a escravidão, de um modo geral, nunca conseguiu apagar, na maioria dos povos africanos trazidos para o Brasil como escravos, o respeito pela vida do outro” (SANTOS, 2016, p.195).

Além de Maria Firmina inovar na literatura, ao construir um personagem negro que está em pé de igualdade com o branco, possuindo sentimentos generosos como a bondade e amizade, ela também constrói, em seu romance, uma personagem negra escravizada, que tem voz e história e que representa todos os negros que foram arrancados de sua terra para virem ser mercadoria humana em terras brasileiras. Com o intuito de dar voz aos negros e deixar que eles mesmos contem a sua história é que Maria Firmina constrói estrategicamente a personagem Susana. Por meio dessa personagem, Firmina usa a literatura como instrumento de denúncia das mazelas sociais que ocorriam no período da escravidão no Brasil. Segundo Junior (2010, p. 05):

Com efeito, as obras literárias mantêm um vínculo estreito com a história de onde retiram a matéria-prima que será apropriada esteticamente, o estudo da literatura traz consigo nova possibilidade de análise do passado, por meio da fala dos não ajustados socialmente. Daí se depreende o viés de denúncia e de crítica social presente em muitas obras, abrindo um espaço para os silenciados e mostrando uma outra versão da história.

É no nono capítulo do livro que conhecemos a história de Susana, uma negra que havia cuidado de Túlio durante toda sua vida. Ela e Túlio tinham como senhora Luísa B, e sentiam muita gratidão pela sua senhora. Firmina, no início do capítulo, descreve também Susana como boa e compassiva:

E aí havia uma mulher escrava, e negra como ele; mas boa, e compassiva, que lhe serviu de mãe enquanto lhe sorriu essa idade lisonjeira e feliz, única na vida do homem que se grava no coração com caracteres de amor. (REIS, 2018, p.67)

A construção da personagem Susana com as características morais e físicas destoa de muitos relatos que falavam sobre a mulher negra, que geralmente assumia o papel de sensualidade e luxúria. Firmina, no entanto, descreve a mãe Susana como uma mulher idosa, sem atributos físicos e sexuais. A intenção da autora não é criar uma mulher negra que chame atenção por seus atributos físicos, e sim por sua história e moral. No capítulo nove a autora descreve Susana como:

Susana, chama-se ela, trajava uma saia de grosseiro tecido de algodão preto, cuja orla chegava-lhe ao meio das pernas magras, e descarnadas como todo o seu corpo: na cabeça tinha cingido um lenço encarnado e amarelo, que mal lhe ocultava as alvíssimas cãs. (REIS, 2018, p.67)

É por meio da personagem mãe Susana que Maria Firmina dos Reis inova e desconstrói estereótipos que a literatura oitocentista usava para caracterizar as mulheres negras, representando-as como corpo-objeto de prazer.

De acordo com Pinheiro (2016, p.35):

A presença da mulher negra na literatura brasileira, sempre foi apresentada por escritores brancos com seus discursos bastante negativos. Quando são representadas por esses escritores a maioria das vezes, são explorados temas como sedução, beleza, resistência física, pois as qualidades que são apresentadas sempre estão ligadas ao corpo da mulher, nunca é mencionado o que ela pensa, ou o que deseja.

A personagem Susana é construída por Firmina não com a intenção de ser vista como um objeto de prazer, mas sim como uma mulher negra que tem história e que precisa ser ouvida. É por meio dessa personagem que Firmina vai contar a história pelo ponto de vista do negro a respeito de como eram suas vidas na África, da maneira como eram capturadas as pessoas em

seu país e o traslado para o Brasil, nos monstruosos navios negreiros. Dessa forma, a autora constrói uma personagem que sensibilize seus leitores.

Liberdade! Liberdade... ah! Eu a gozei na minha mocidade! – continuou Susana com amargura – Túlio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo aí respira amor, eu corria as descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres, com o sorriso nos lábios, a paz no coração, divagávamos em busca das mil conchinhas, que bordam as brancas areias daquelas vastas praias. Ah! Meu filho! Mais tarde deram-me em matrimônio a um homem, que amei como a luz dos meus olhos, e como penhor dessa união veio uma filha querida, em quem me revia, em quem tinha depositado todo o amor da minha alma: uma filha, que era minha vida, as minhas ambições, a minha suprema ventura, veio selar a nossa tão santa união. E esse país de minhas afeições, e esse esposo querido, e essa filha tão extremamente amada, ah Túlio! Tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh! Tudo, tudo até a própria liberdade! (REIS, 2018, p.69)

Nessa passagem, Susana representa a voz de todos os negros que viviam livres e felizes na África com seus familiares, possuindo empregos dignos, momentos de lazer etc., mas que foram brutalmente capturados e levados a diversas partes do mundo para virarem mercadoria humana, separando-se de seus entes amados.

Firmina, por meio da construção da personagem Susana, uma personagem que tem voz e história, conta ao leitor, pelo ponto de vista de um negro e não do colonizador, a história da escravidão. Pela primeira vez na história literária, o negro contará sobre a forma monstruosa em que foi trazido para o Brasil nos navios negreiros:

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos às praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa. Davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos! (REIS, 2018, p.71)

É por meio da voz da mãe Susana que o leitor conhece a história verídica de como os negros eram arrancados de suas terras e trazidos para o Brasil nos terríveis navios negreiros. Devido às condições monstruosas a que eram submetidos durante a viagem, muitos morriam ou chegavam a terras brasileiras muito doentes.

De acordo com Ribeiro (2006, p.107):

Arrancados de suas terras, eram batizados e marcados com uma cruz no peito. Dali partiam em comboios, pescoço atado a pescoço com outro negro, numa corda puxada até a porta do tumbeiro, eram jogados no fundo dos porões imundos dos navios negreiros, em condições deploráveis e desumanas. Muitos morriam na travessia do Oceano Atlântico, vítimas de maus tratos, de fome e de epidemias que se instalavam entre a tripulação.

Maria Firmina dos Reis inova na literatura ao construir uma personagem negra que tira a mordada daqueles que tiverem sua história de clamor calada. Por meio de Susana, a sociedade oitocentista conhece uma nova história do negro que veio para o Brasil forçado para servir de mão de obra escrava aos brancos.

Os negros viviam livres na África, construíram famílias, possuíam empregos dignos, tinham direito ao lazer e a vivenciar suas religiões livremente, mas foram brutalmente arrancados e levados a diversas partes do mundo para servir a senhores que criaram uma ideia de hierarquização, onde o branco estava no topo e o negro pertencia a uma sub-raça (SILVA e RODRIGUES, 2018, p. 76).

Maria Firmina constrói os personagens negros como vítimas de um sistema cruel. Para criticar os senhores escravocratas, ela também constrói, estrategicamente, o personagem Fernando, representando assim os terríveis senhores de escravos. É por meio da voz de Susana que as crueldades sofridas pelos escravos por seus donos são contadas, como pode ser notado neste trecho:

O comendador P. foi o senhor que me escolheu. Coração de tigre é o seu! Gelei de horror ao aspecto de meus irmãos... os tratos por que passaram doeram-me até o fundo do coração! O comendador P. derramava sem se horrorizar o sangue dos desgraçados negros por uma leve negligência, por uma obrigação mais tibiamente cumprida, por falta de inteligência! E eu sofri com resignação todos os tratos que se dava a meus irmãos, e tão rigorosos como os que eles sentiam. E eu também os sofri, como eles, e muitas vezes com a mais cruel injustiça. (REIS, 2018, p. 71)

Percebe-se que, por meio de Susana, Maria Firmina dá voz a milhares de negros que sentiram na pele toda a violência de um sistema opressor, que os silenciavam e os escravizavam a todo tempo, sem dar valor às suas origens, tratando-os como animais, e não como seres humanos. Segundo Candido (1989, p.178):

Na sociedade duramente estratificada, submetida à brutalidade de uma dominação baseada na escravidão, se de um lado os escritores e intelectuais através da literatura reforçaram os valores impostos, puderam muitas vezes, de outro, usar seu instrumento e da sua posição para fazer o que é possível nesses casos: dar a sua voz aos que não poderiam nem saberiam falar em tais níveis de expressão.

Maria Firmina usou a literatura em benefício dos oprimidos, por meio de sua escrita a autora dá voz aos negros. Ela constrói o afrodescendente, na obra *Úrsula*, não como um simples

objeto a ser descrito, mas como um ser humano que possui sentimentos nobres, história, voz e que precisa ser ouvido. Logo, os personagens negros foram construídos em *Úrsula* de maneira humanizada, sem estereótipos sexuais e com voz para contar sua própria história, revelando, na escrita de Firmina, uma atitude compromissada em elevar o negro para o plano do protagonismo e tornando-o sujeito.

### **Considerações finais**

Pensar sobre a visão do negro na metade do século XIX, aqui no Brasil, era algo inovador, ainda mais diferente era conceber um romance com essa problemática, apresentado por uma mulher negra e nordestina, como fez Maria Firmina dos Reis, pois ela vai de encontro com as ideias do patriarcalismo do período.

O romance “*Úrsula*” pôde implantar na literatura brasileira um novo olhar sobre os oprimidos daquele período. Foi a partir das concepções românticas que Firmina pôde utilizar as características desse movimento literário como meio de desvio de atenção para que a sua obra pudesse ser vinculada por toda a sociedade.

Buscou-se, por meio deste artigo, demonstrar de que maneira acontece, na narrativa, a construção inovadora do negro articulado no texto literário de Maria Firmina. Os tópicos foram desenvolvidos de maneira a encadear os acontecimentos da trama e apresentar o negro na obra citada anteriormente com suas características até então não discutidas e mostradas à sociedade brasileira do século XIX.

Na obra *Úrsula* os cativos são construídos de forma positiva, podendo ser percebidos em diversas passagens do livro. A presença nobre das virtudes é bastante significativa, bem como o caráter bondoso dos negros, reforçando, dessa maneira, o discurso antiescravista da narrativa e as ideias defendidas por Maria Firmina, tendo a finalidade de tocar os leitores da sociedade oitocentista.

Tendo em vista os personagens negros do romance, a maranhense promove uma denúncia da escravidão, dessa forma as personagens escravizadas são formadas com uma moral positiva ou modos que provoquem o reconhecimento como vítimas daquele sistema.

Portanto, nota-se que através da narrativa é possível apreender várias informações que dominavam a sociedade maranhense daquele período, denunciando uma sociedade com sistema decadente e a importância de se propagar os ideais de igualdade, respeito, fraternidade, bondade, apresentadas por Maria Firmina, contribuindo, assim, para a construção de um país mais justo e sem opressão.

Burke afirma que “ existem fontes que permitem aos historiadores chegarem mais perto das experiência das pessoas das classes inferiores, dentre elas estão as fontes literárias”( BURKE, 1992, p. 49) . Deste modo, a obra *Úrsula* é uma rica fonte histórica para a compreensão de nosso passado histórico, e também é uma fonte literária primordial para reconstrução de uma nova história mais comprometida do negro escravizado no Brasil, visto que, a autora trouxe um olhar diferente sobre a questão da escravidão e do negro no Brasil.

## REFERÊNCIAS

ABREU, José Antônio Dias de. *A abolição sob a lente de autores brasileiros*. Navegações, Portugal, v. 7(1), p. 16-22, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1983-4276.2014.1.18848>. Acesso em: 09 out. De 2021

BARBOSA, Maria Rita de Jesus. *A influência das teorias raciais na sociedade brasileira (1870-1930) e a materialização da lei nº10.639/03. Minas Gerais*. REVEDUC, São Paulo, v.10, n.1, p.260-272, 2016. Disponível em: [file:///C:/Users/Tatiane/Downloads/1525-9868-1-PB%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Tatiane/Downloads/1525-9868-1-PB%20(3).pdf). Acesso em: 01 nov. de 2021

BRASIL. *Plano nacional para a erradicação do trabalho escravo*. Comissão Especial do Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana da Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Organização Internacional do Trabalho. Brasília: OIT, 2003.

BROSKSHAW, David. *Raça e cor na literatura brasileira*. Porto Alegre, 1983.

BURKE, Peter. (org). *A Escrita da História/ Novas Perspectivas*. São Paulo, Editora: Unesp, 1992.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1973.

CANDIDO, A. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo, Editora Ática,1989.

CASTILHO, Suely Dulce de. *A Representação do Negro na Literatura Brasileira*. Novas Perspectivas. Olhar de professor, Ponta Grossa, v. 7, n.1, p. 103-113, 2004. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1418.pdf>. Acesso em: 15 de nov. de 2021

CARVALHO, J. C. B. *Literatura e atitudes políticas: olhares sobre o feminino e anti-escravismo na obra de Maria Firmina dos Reis*. 2018, 130 p. Dissertação (Mestrado em Literatura). UFPI, 2018. Disponível em: [repositorio.ufpi.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/1142/DISSERTAÇÃO%20JÉSSICA%20CATHARINE%20PPGEL%20UFPI%20FINAL.pdf?sequence=4](https://repositorio.ufpi.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/1142/DISSERTAÇÃO%20JÉSSICA%20CATHARINE%20PPGEL%20UFPI%20FINAL.pdf?sequence=4)>. Acesso em: 02 de nov. de 2021.

CORREIA, Janaína dos Santos. *O uso da fonte literária no ensino de história: Diálogo com o romance Úrsula*. História e ensino. Londrina, v. 18, n.2, p. 179- 201, 2012. Disponível em:

<https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/12451>. Acesso em: 27 de nov. de 2021.

JUNIOR, Gilberto Ferreira Sena. *Realidade versus ficção: a literatura como fonte para escrita da história*. In: VI Simpósio Nacional Estado e poder: cultura, 2010, São Cristóvão-SE. Anais VI Simpósio Nacional Estado e poder: cultura, 2010. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/estadoepoder/6snepc/GT13/GT13-GILBERTO.pdf>. Acesso em 10 de nov. de 2021

LUCENA, Daliane de Oliveira. *O sujeito negro na obra “Úrsula”*: uma análise discursiva acerca das relações de poder. / Daliane de Oliveira Lucena. Catolé do Rocha, PB, 2012. 38f. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/4505>. Acesso em: 03 de out. de 2021.

MARTINS, Ricardo André Ferreira. *O trauma do colonialismo e da escravidão nas narrativas de Mia Couto e Maria Firmina dos Reis: um estudo comparativo*. Antares: Letras e Humanidades | vol.5| n°10 | jul-dez 2013 Programa de Pós-graduação em Letras, Cultura e Regionalidade Programa de Doutorado em Letras ISSN 1984-1921. Disponível em: <[www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/download/1959/1502](http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/download/1959/1502)>. Acesso em: 17 de nov. de 2021.

MARTIN, C. *Uma rara visão de liberdade*. Prefácio. In: REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença/Brasília: INL, 1988.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. *Maria Firmina dos Reis, escrita íntima na construção de si mesmo*. Estudos avançados, São Paulo, v. 33, n.96, p. 93-108, 2019. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142019000200091](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142019000200091). Acesso em: 07 de nov. de 2021.

MENDES, M. R. *Uma análise das representações sobre as mulheres no Maranhão da primeira metade do século XIX a partir do romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*. 2013, 149 p. Dissertação (Mestrado em História Social). UFMA, 2013. Disponível em: <<http://www.ppghis.ufma.br/siteantigo/documentos/Dissertacao%20Melissa.pdf>>. Acesso em: 20 de nov. de 2021.

MONTEIRO, P. F. *Discussão acerca da eficácia da Lei Áurea*. Meritum, Belo Horizonte, v. 7, n° 1, p. 355-387, 2012. Disponível em: <<http://www.fumec.br/revistas/meritum/article/viewFile/1208/829>>. Acesso em: 19 de nov. de 2021.

MOURA, C. *História do Negro Brasileiro*. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1992.

PINHEIRO, T. R. *Vozes femininas em Úrsula, de Maria Firmina dos Reis, “Uma maranhense”*. 2016, 94 p. Dissertação (Mestrado em Literatura e cultura). UFPB, João Pessoa, 2016. Disponível em: <[http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2016/05/DISSERTAÇÃO-\\_pronta\\_imprimir\\_pdf-1.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2016/05/DISSERTAÇÃO-_pronta_imprimir_pdf-1.pdf)>. Acesso em: 10 de out. de 2021.

RABASSA, G. *Negro na ficção brasileira: meio século de história literária*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.



REIS, M. F. *Úrsula*. Coleção acervo brasileiro. Vol. 2. Caderno do mundo inteiro: Jundiaí/SP, 2017.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro. A formação e o Sentido do Brasil*. 2. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1995

RUFFATO, Luís. *Questão de pele*. São Paulo, 2015

SANTOS, Daniela soares do. CARVALHO, Tereza Ramos de. *A narrativa Úrsula, de Maria Firmina dos Reis. Humanidades e inovação*, Mato Grosso, v.5, n.1, p. 29-43, 2018. Disponível em: [file:///C:/Users/Tatiane/Downloads/624-Texto%20do%20artigo-2507-1-10-20180308%20\(12\).pdf](file:///C:/Users/Tatiane/Downloads/624-Texto%20do%20artigo-2507-1-10-20180308%20(12).pdf). Acesso em 9 de nov. de 2021.

SANTOS, José Benedito dos. *A literatura afrodescendente de Maria Firmina dos Reis*. Literartes, Manaus, n.05, p. 184-208, 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/literartes/article/view/105787>. Acesso em 03 de nov. de 2021.

SAID, E. W. *Cultura e Imperialismo*. 1. ed. São Paulo: Companhia de bolso, 2011.

SILVA, Marisa Corrêa. *Crítica Sociológica*. BONNICI, Thomas. ZOLIN, Lúcia Osana. (Orgs.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2009.

SILVA, Maria Valdenia da. RODRIGUES, Francisca Lisiani da Costa. *A voz feminina e negra na literatura brasileira oitocentista: A autora e as personagens de Úrsula*. Afluente, UFMA/Campus III, v.3, n. 8, p. 62-81, mai./ago. 2018 ISSN 2525-3441. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/viewFile/9848/5801>>. Acesso em: 05 de nov. de 2021.

ZIN, Rafael Balseiro. *Literatura e afrodescendência no Brasil: Condições e possibilidades de emergência de um novo campo de estudos*. Caderno seminal digital, n. 29, v. 29. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cadernoseminal/article/view/30978>. Acesso em 01 de dez. de 2021.

Recebido em: 06/11/2022

Aprovado em: 12/12/2022

Publicado em: 28/12/2022



10.29281/r.decifrar.2022.2a\_4